

CABELO AFRO: valorizar o volume

Elivan Andrade da Silva
Euzebio Fernandes de carvalho

1. Introdução

A herança nefasta de mais de três séculos de escravização de negros africanos no Brasil contribuiu para que os elementos identificadores do fenótipo afro, como a cor da pele, o formato do nariz e da boca e os tipos de cabelo se tornassem grandes alvos de atitudes racistas sobre o corpo negro. Diante dessa realidade, o cabelo afro pode ser instrumentalizado pelo professor como um importante alvo de práticas escolares educativas para a construção de uma educação antirracista, pois é um dos elementos fundamentais para a construção da identidade afro-centrada e para o aumento da autoestima das crianças negras.

De acordo com o padrão de beleza hegemônico - historicamente construído a partir de relações de poder e submissão-, bonito são os cabelos lisos e loiros, características que remetem ao colonizador europeu. Essa padronização da beleza a partir de fenótipos estrangeiros é responsável pela significação negativa do cabelo afro e não representatividade e/ou da representação negativa dos negros, o que, por sua vez, oprime as pessoas negras, fazendo-as enfrentar uma longa trajetória de dor e de transformações corporais na tentativa de se enquadrarem nesse padrão de beleza através de um processo racista de controle do corpo com intervenções químicas para alterar a estrutura do cabelo e também com práticas de “controle” trazendo o cabelo afro sempre curto, fortemente preso e/ou escondido.

Com o presente trabalho pretendemos apresentar um relato de experiência sobre práticas educativas que valorizem o cabelo afro e que combatam valores que o signifiquem de forma negativa, a partir de uma oficina (que será relatada adiante) realizada na escola-campo Escola de Tempo Integral Dr. Albion de Castro Curado, localizado em Davidópolis na Cidade de Goiás, dentro das atividades do subprojeto PIBID “Educação das Relações Étnico-Raciais: as africanidades brasileiras na sala de aula”, vinculado à Licenciatura em História da Universidade Estadual de Goiás, campus de Cidade de Goiás.

Para a construção dessa proposta, partimos da investigação de referenciais teóricos que pudessem auxiliar para a construção de uma educação afro-afirmada. Utilizamos então aqui, o trabalho da professora Nilma Lino Gomes (2002) sobre a reprodução de estereótipos relacionados ao corpo negro e ao cabelo crespo nos espaços

escolares, também o texto do professor Kabengele Munanga (2005) sobre a superação do racismo na escola e também Jörn Rüsen (2007), levando em consideração a formação histórica e a consciência histórica como importantes elementos para o desenvolvimento deste trabalho.

2. Justificativa: cabelo afro e racismo e o lugar de fala

Durante toda a história do Brasil os negros foram colocados em situação de inferioridade diante dos brancos, pelos brancos. No período da Colônia e do Império, os negros africanos foram traficados forçadamente até o Brasil (e não apenas aqui) na condição de escravizados. Já nos fins do Império, em 1888 a escravidão no Brasil é abolida através da chamada Lei Áurea, assinada pela então princesa Isabel. Contudo, apesar do fim da escravização, os negros ainda estavam em situação de marginalização nas primeiras décadas do século XX como nos mostra a historiografia. E hoje, 127 anos após o fim da escravidão as pessoas negras ainda sofrem com os resquícios dessa herança que trazem dor, sofrimento, desvalorização, baixa-estima e até mesmo morte.

Assim então, podemos afirmar que as práticas racistas estão arraigadas à cultura brasileira. Aqui entendemos cultura a partir do antropólogo Clifford Geertz, para o qual a cultura é uma teia de significados que orienta a existência humana tecida pelo homem e à qual ele está inserido. Partindo então dessa definição, podemos afirmar também que é possível desvencilhar o racismo da cultura brasileira, pois já que foi possível tecer elementos que possibilitaram a permanência do racismo, pode-se também tecer novos elementos valorativos que coloquem em pé de igualdade social os brasileiros, independentemente de cor ou etnia. Uma das ferramentas para essa operação são as políticas de ação afirmativa (como a lei de cotas raciais do governo federal) e outra, sem dúvida, é a formação histórica.

Com os novos meios de comunicação (TV, internet, revistas, jornais, redes sociais) o racismo tem encontrado novas formas de se disseminar. Nas novelas os negros estão sempre representando os empregados, não raras vezes em trabalhos associados à força física e com menor prestígio social; muitas vezes, os negros são representados de forma estereotipada, associados à imagem da malandragem, envolvidos com drogas e bebidas; outras vezes, como também nas propagandas, os negros aparecem com seus corpos hipersexualizados; aparecem também com os traços identificadores do fenótipo afro transformados, como o cabelo alisado, narizes e bocas em formatos diferentes e até mesmo com a cor da pele manipulada para parecer mais clara. Estes são alguns exemplos fáceis de serem identificados que demonstram que,

quando as pessoas negras são midiaticamente representadas, elas o são de forma majoritariamente negativa.

Talvez ainda mais preocupante do que essa falta de representatividade e/ou representatividade negativa das pessoas negras na mídia, seja a forma como as pessoas negras aparecem nos livros didáticos, o que está ligado diretamente com a forma como os alunos vão ter contato com a cultura africana e afro-brasileira. Como aponta o trabalho que vem sendo desenvolvido pela bolsista do subprojeto PIBID de História, da UEG campus Goiás, os negros ainda estão sendo representados com a imagem relacionada à escravidão, dá-se pouca atenção à resistência e à cultura. Ao analisar um livro didático específico e relacioná-lo com a LDB, Jaqueline Moraes observa que ainda persiste a ideia de ter uma parte específica dentro do livro para se falar dos negros. E numa análise sobre o que os alunos puderam absorver após estudarem com esse livro, ela chega à conclusão de que os alunos possuem mais informações sobre a escravidão do que sobre a resistência. E ainda, como aponta Nilma Lino, em *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?*, no espaço escolar são reproduzidos (e conseqüente aprendidos e compartilhados) não só os conteúdos e saberes escolares, mas também valores crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade (GOMES, Nilma Lino; 2002, p. 40).

Essa falta de representação e/ou representação negativa das pessoas negras, pode gerar o que Jörn Rüsen (2007) chamou de carências de orientação. Nesse processo as crianças negras passam a negar a própria identidade, elas buscam meios para alterar a aparência e um dos primeiros passos dessa fase de negação identitária está relacionado com o cabelo afro: o cabelo é mantido sempre fortemente preso e logo em seguida ele é alisado quimicamente para se chegar o mais próximo possível daquele padrão hegemônico de beleza. Na esfera do conhecimento histórico, as crianças negras não conseguem se localizar historicamente ou, não raras vezes, suas referências estão sempre relacionadas à escravidão, pois como apontou o trabalho de Jaqueline Moraes, persistem mais informações sobre a escravidão do que sobre resistência e cultura. Diante dessa realidade, de racismo sobre o próprio corpo e sobre a negação de sua história, como as crianças negras vão querer se identificar como negras?

Então a fim de criar ações de enfrentamento com essas atitudes racistas de controle do corpo, de negação da história e de representatividades negativas, buscamos trazer elementos para o desenvolvimento de uma consciência histórica que possibilite um posicionamento crítico diante dessas situações. Aqui entendemos por consciência

histórica a interpretação das experiências do tempo a fim de entender a atualidade, nas palavras de Rüsen, consciência história é descrita como

a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência. (RÜSEN, 1997, p. 81-82 apud GEVAERD, 2015, p,386)

E o desenvolvimento dessa consciência histórica (talvez uma consciência histórica crítica, que é quando o tempo ganha senso de julgamento, dando ao sujeito a habilidade de negar tradições, regras e abrir espaço para novos padrões (RÜSEN, 1993)) pode ser capaz de reverter essa situação e criar condições para um auto-reconhecimento identitário para a formação de uma identidade afro-afirmada.

A necessidade para o desenvolvimento desse trabalho surgiu a partir de uma situação de uma operação racista na escola-campo e que gerou uma oficina, que serão descritas mais a diante.

2.1 O lugar de fala

A primeira proposta para este trabalho foi a de se criar um relato de experiências educativas que valorizassem o cabelo afro, tanto de meninos como de meninas, e que combatessem os valores negativos que o significam. No entanto, como é comum aos trabalhos científicos, durante o seu desenvolvimento delimitamos para apenas o cabelo afro das meninas, por conta da oficina desenvolvida que relataremos a diante. Por conta disso, fui questionado por estar tomando o lugar de fala das pessoas negras, então é preciso explicar e justificar o lugar de fala que é de um homem branco e de cabelo liso.

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), projeto ao qual esse trabalho é vinculado e do qual sou bolsista, é um programa do governo federal de incentivo à carreira docente que possibilita uma formação mais completa aos futuros professores, no meu caso História. Assim sendo, este é um momento de formação e de preparo para que possa ter condições de ser um professor melhor e que possa enfrentar situações diversas, neste caso o racismo.

Como futuro professo de História da rede básica de educação, as chances de presenciar atitudes racistas em sala são muito grandes e para isso é preciso estar muito bem preparado. Então, a partida aqui é de um homem branco e de cabelo liso que está em processo de formação na docência e buscando condições para possa enfrentar operações racistas e mais que isso, que possa também empoderar os alunos negros para que eles também possam enfrentar essas situações.

3. O problema gerador e a oficina

As atividades dos bolsistas do subprojeto PIBID História estão concentradas em três (3) momentos: os encontros na escola campo de Tempo Integral Dr. Albion de Castro Curado; as reuniões de formação no campus UEG da Cidade de Goiás; e os eventos apresentando participando e apresentando trabalhos. Em uma dessas reuniões de formação, chegou até nós por meio da professora Maria Cristina, que é a supervisora do PIBID na escola-campo a seguinte situação: em uma reunião com os pais na escola, uma professora aconselhou a mãe de uma aluna negra que talvez fosse melhor alisar o cabelo da filha, pois assim ela seria menos tímida e se enturmaria mais. Chateada com a situação, a aluna procurou a diretora da escola, que à época era a própria Maria Cristina, reclamando do ocorrido. Esse ocorrido deixava nítido que era preciso uma intervenção nossa o mais rápido possível.

Então a intervenção foi pensada para acontecer em dois momentos: no primeiro dia seria trabalhada a música *Respeitem meus cabelos, brancos!*, de Chico César e também a confecção de cartazes com imagens e frases afirmativas e de enfrentamento à prática racista da professora; e no segundo momento uma oficina com práticas para a valorização do cabelo afro.

No primeiro dia os bolsistas se dividiram em grupos menores e trabalharam a música em sala de aula. A metodologia que utilizamos para trabalhar música nas aulas de História consiste em analisar separadamente a linguagem musical e a linguagem textual. Primeiro estimulando os alunos a identificarem os instrumentos presentes na música, e também o gênero e as sensações que música transmite. Depois, na parte textual, buscamos juntamente com os alunos a identificar as palavras desconhecidas e intervimos com os seus significados, em seguida entendemos o enredo da música tentando entender o que se passa na música e por fim, chegar a uma possível conclusão sobre quais as análises e interpretações que aparecerem sobre a música.

Enquanto alguns bolsistas estavam em salas com o trabalho da música, outros confeccionavam com os alunos, os cartazes que seriam expostos. Nesse mesmo dia, foram selecionadas as alunas que participariam da oficina. Partimos da ideia da discriminação positiva, permitindo apenas a participação de alunas negras, já que a ideia da oficina era a de empoderar essas pessoas para se sentirem valorizadas, bonitas e elevar a auto-estima delas.



Imagem 1: Mural com cartazes de imagens e frases afirmativas de combate ao racismo. Cidade de Goiás, 10/06/2014. Acervo do subprojeto PIBID História, UEG Goiás.

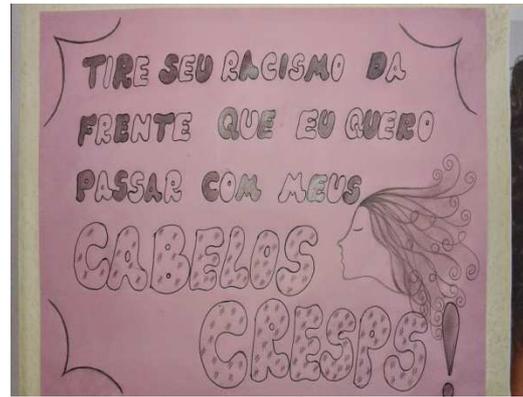


Imagem 2: Detalhe cartaz com frase afirmativa sobre o cabelo afro. Cidade de Goiás, 10/06/2014. Acervo do subprojeto PIBID História, UEG Goiás.

No dia da oficina levamos os materiais necessários para a realização da oficina, como xampu, creme, e acessórios para os penteados. Dividimos-nos em dois grupos para realizar a primeira atividade da oficina, que era de cuidado com os cabelos. Um grupo ficou responsável por lavar e hidratar o cabelo e o outro grupo responsável por fazer os penteados nas alunas. Foram feitas tranças de várias formas, alguns penteados com fitas e flores e também alguns com o cabelo simplesmente solto. Percebemos que algumas alunas estavam receosas com a oficina e inclusive haviam duas (2) alunas com o cabelo alisado.



Imagem 3: bolsistas lavando e hidratando o cabelo das alunas.



Imagem 4: bolsistas fazendo os penteados.



Imagem 4: detalhe do penteado em aluna.



Imagem 5: detalhe do penteado em aluna.

Após esse momento, tivemos a participação da Professora Lídia Ribeiro (UEG, Goiás) com uma fala muito importante para aquele momento. Ela falou sua vida e suas experiências a respeito do cabelo. A Prof^a Lídia é uma mulher negra que como muitas outras mulheres, passou também pelo processo de negação da identidade em busca de se enquadrar nesses padrões impostos pela sociedade. Ela relatou o seu sofrimento com as intervenções que fazia para prender e alisar o seu cabelo e também sobre o preconceito que sofreu quando passou a aceitar seu cabelo de forma natural, crespo e empoderado. Encerramos esse dia de oficina com um desfile das alunas que fizeram os penteados.



Imagem 6: momento da fala da Profª Lídia Ribeiro.

Durante a oficina percebemos que algumas alunas estavam se sentindo bem, estavam alegres com aquele momento. No entanto, algumas alunas desfizeram os penteados antes mesmo do final do desfile. Outra atitude que nos chamou a atenção foi a atitude de alguns alunos homens que, durante o desfile assoviavam para as alunas e também muitos comentários a respeito das alunas, sobre estarem “bonitas” ou “diferentes”.

4. Conclusões

Diante de uma sociedade racista, criar e executar situações de enfrentamento é sempre muito importante. Talvez seja ainda mais importante se esse enfrentamento está aliado a práticas educativas e empodera pessoas negras. A oficina de cabelo afro nos mostrou isso.

Alguns problemas da execução da oficina devem ser apontados: 1) faltou pensarmos em possibilidades baratas e mais acessíveis, para os cuidados com o cabelo crespo. A escola-campo é localizada no subúrbio da Cidade de Goiás, é um bairro carente, então pensar em produtos mais baratos e até mesmo caseiros e apresentássemos esses às alunas, teríamos mais chances de alcançar os objetivos esperados; 2) durante

toda a oficina nenhuma aluna lavou, hidratou ou fez o seu próprio penteado, tudo foi feito pelos bolsistas. Se um dos objetivos era empoderar essas alunas e ensinar alternativas para cuidar o cabelo, deveríamos ter deixado elas mesmas fazer seus penteados, não separando o saber do fazer. Essas são algumas observações que devem ser atentadas e questionadas para uma nova realização da oficina.

Pudemos observar que após as intervenções realizadas nesse dia, houve o desenvolvimento de um posicionamento mais crítico em relação a esse padrão hegemônico de beleza e também à possibilidade de criar novos sentidos e práticas diante da ideia de beleza. Outras observações merecem ser nomeadas: observamos, mesmo que ainda em lentamente, o respeito à diversificação do padrão de beleza e a valorização do cabelo afro; e uma das mais importantes, foi a elevação da auto-estima das alunas negras. E por fim, e também de grande importância, foi o enfrentamento de situações de piadas e brincadeiras de fundo racistas dentro da escola por parte das alunas, enfrentando a atitude racista da professora de História.

Referências